

JUNTAR FORÇAS CONTRA O GOVERNO DA TROIKA E A SUA AUSTERIDADE

RESOLUÇÃO POLÍTICA APROVADA A 4 FEVEREIRO

O governo PSD/CDS conduz o país para a mais grave recessão dos últimos 30 anos. Em consequência, Portugal já tem a maior taxa de desemprego da sua história. E, no fim do prazo da Troika, estará mais endividado do que nunca.

A única forma de enfrentar este caminho de destruição é a mobilização popular capaz de mudar a sociedade.

SEM MEIAS PALAVRAS

Nos primeiros dias de 2012, os números dizem tudo sobre a vida das pessoas: aumentaram os preços dos transportes públicos, subiram os impostos, o desemprego atingiu mais de um milhão de pessoas, do qual dois terços não têm qualquer apoio, e foram impostas regras para reduzir os feriados e anular a tolerância de ponto no Carnaval. Os trabalhadores são forçados a trabalhar mais dias para receberem menos e para viverem pior.

Há doentes deixados sem tratamento por falta de transporte e taxas incomportáveis, mais quinze mil estudantes expulsos da universidade pelo aumento das propinas e falta de bolsas, inquilinos ameaçados de despejo por aumentos abruptos das rendas de casa. Toda a austeridade é imposta em nome da dívida, mas há uma certeza: a austeridade aumenta a dívida.

O Bloco de Esquerda não tem meias palavras. O Bloco quer juntar forças para vencer esta espiral de empobrecimento, para defender o emprego, para atacar a precariedade.

JUNTAR FORÇAS CONTRA A DESIGUALDADE

Os partidos que assinaram o memorando de entendimento com a Troika limitaram drasticamente as condições de soberania do país. E temos agora um governo que quer fazer o máximo de mal ao máximo de gente e no mínimo de tempo. Como se atreve a esta falta de pudor, com a distribuição de mordomias entre os seus fiéis, nomeados para as administrações das empresas? Como se atreve a privatizações que entregam bens públicos, como a electricidade, ao capital da China? Como permite e justifica que os grupos económicos que mais ganham com a crise fujam para a Holanda para pagar menos impostos em Portugal, como acontece com a so-nae ou o Pingo Doce?

Estamos numa corrida contra o tempo. Cortes de salários, leis laborais, roubo fiscal, demolição do Estado

social: as medidas de austeridade mergulham o país na recessão e aplicam a crueldade contra as pessoas. Há populações ameaçadas de perderem os últimos serviços públicos, seja o tribunal, seja o posto de saúde ou dos correios, seja a junta de freguesia. Os despedidos terão menos indemnizações e menos apoio. Aos jovens, o governo recomenda que saiam do país.

Com esta política, o que é certo é que a crise se agrava. Entretanto, os recursos públicos são desbaratados: o BPN acabou de receber mais 600.000.000 euros, para ser vendido por tuta e meia. O governo de Alberto João Jardim espatifou dez vezes mais.

O Bloco de Esquerda quer juntar forças contra o desperdício e em nome da igualdade.

LEVANTAR O PAÍS

Sucessivos tratados fizeram do directório da União Europeia uma máquina de guerra contra os direitos sociais. Hoje, Merkel, Sarkozy e quem os apoia, como Passos Coelho e Paulo Portas, dirigem uma política de destruição da Europa, de ataque à classe trabalhadora dos países que a compõem, de protecção da chantagem dos credores.

O Bloco de Esquerda está com o povo grego que resiste ao directório europeu e à austeridade selvagem que este quer impor.

Merkel e Sarkozy fazem do novo regime de desigualdade social um projecto europeu. O novo tratado abre-lhe caminho, ao impor nas Constituições nacionais ou em leis reforçadas um novo limite para os défices do Estado. A regra do défice estrutural máximo de 0,5% vem proibir um apoio eficaz aos desempregados ou o financiamento da segurança social e dos serviços públicos durante uma crise. Se essa regra for aplicada, provocará uma recessão muito maior que a actual.

O Bloco de Esquerda quer juntar forças para a realização de um referendo nacional para que o povo possa decidir sobre este novo tratado.

UNIR A RESISTÊNCIA

A Troika e o governo têm tido a força do seu lado. Mas o povo está a sentir o que significa esta política. Por isso, se é um facto que as direitas se unificam na vingança contra o 25 de Abril, é necessário que a resistência popular se unifique para vencer a austeridade. A mobili-

zação conjunta na greve geral de Novembro, com sindicatos e precários, indignados e estudantes, mostra as possibilidades da convergência para a uma aliança que vença a tirania financeira.

A unidade da resistência social é uma exigência imediata. As esquerdas devem erguer-se hoje à altura da situação e fazer das diferenças uma força. Essa necessidade é imposta pela urgência de gerar, a partir da mobilização, alternativas políticas consistentes para a luta pelo salário, pelo serviço nacional de saúde, pela escola pública e pela segurança social. O Bloco de Esquerda recusa o sectarismo e apela à unidade para um projecto popular capaz de derrotar o plano de austeridade.

A violência do assalto em curso não permite hesitações. O Bloco de Esquerda enfrenta essas posições contribuindo sempre para alargar a alternativa e criar alianças a partir da urgência nacional. Perante a direcção do PS e a direcção da UGT, perante cada socialista e cada sindicalizado, afirmamos que não há política de esquerda sem ruptura com a política da Troika. As alternativas futuras assumem-se hoje, nas escolhas que definirão por muitos anos o país em que vamos viver.

RECUSAR A CHANTAGEM

O Bloco recusa a chantagem da dívida. A Troika cobra 35 mil milhões de euros em juros e comissões, e entrega 12 mil milhões aos bancos privados. A espiral da dívida destrói a economia e o emprego. Esse abuso deve ser recusado e toda a dívida deve ser renegociada, porque os trabalhadores não aceitam pagar a dívida ilegítima ou os juros abusivos que financiam a especulação.

Um instrumento essencial para essa renegociação é a auditoria à dívida, de forma a esclarecer a democracia acerca dos responsáveis e dos beneficiários da dívida que é hoje apresentada aos cidadãos, e apelamos a todos para que se juntem a essa iniciativa popular para que se saiba a verdade e decida sobre a dívida.

O povo tem o direito de recusar as dívidas ilegítimas das parcerias público-privado ruinosas, das fraudes bancárias como a do BPN, das privatizações desastrosas. Tem o direito de exigir o pagamento dos impostos devidos, dos benefícios acumulados, da protecção à finança. Quem ganhou com a nossa ruína deve agora devolver.

Que não fique nenhuma dúvida: Portugal tem o direito de escolher o seu caminho, de determinar a sua política fiscal e salarial, de recusar a austeridade, de criar políticas de crédito com o banco público para reanimar o investimento, a procura interna, a substituição de importações e a criação de emprego. Para isso, Portugal deve dirigir-se aos outros Estados vítimas da agressão financeira para lhes propor uma mudança de política.

PERDER A PACIÊNCIA

O exemplo de um país que recusasse a ditadura da dívida e iniciasse outro caminho, abriria um novo horizonte para todos os povos na Europa. Da América Latina à Primavera Árabe, o mundo confirmou nos últimos anos que a luta de um povo pode gerar mudanças continentais. Dessas mudanças depende hoje o futuro da Europa.

Para criar alternativas europeias, o Bloco de Esquerda promove acção concertada com as esquerdas da Grécia, da Alemanha, de Espanha, de França e de outros países para a apresentação em todos os parlamentos de um projecto comum contra o novo tratado e as políticas de austeridade. Em Portugal, deputados do Bloco de Esquerda juntaram-se a outros parlamentares para exigirem ao Tribunal a declaração de inconstitucionalidade dos cortes dos subsídios de férias e de Natal. Juntamos forças para a luta.

Sindicatos e movimentos de trabalhadores mobilizam contra a lei que facilita os despedimentos e reduz indemnizações, reduz o subsídio de desemprego, retira dias de férias e feriados. Recusam a lei que impõe trabalho suplementar gratuito com a criação unilateral, por parte dos patrões e à margem da contratação colectiva, de um banco de horas que pode traduzir-se por sábados de trabalho sem pagamento. Defendem a segurança social contra a descapitalização, sabendo que o governo quer usar o dinheiro dos trabalhadores para financiar as empresas e para assim baixar os salários e generalizar a precariedade. Recusam a redução da contratação colectiva e a sua substituição por contratos individuais. O Bloco de Esquerda junta forças para toda a mobilização geral, unitária e urgente, que se erga na recusa da austeridade e que defenda os direitos dos trabalhadores.

O Bloco de Esquerda saúda os movimentos contra a precariedade que apresentaram, pela segunda vez na história portuguesa, uma lei de iniciativa popular para defenderem o direito ao contrato efectivo para todos os trabalhadores precários, nomeadamente os falsos recibos verdes.

TEMPO DE ACÇÃO

O governo e muitos comentadores revezam-se em apelos à passividade popular. A esquerda recusa esses apelos. Ao longo da sua história, Portugal defendeu-se quando o povo se ergueu. Quando enfrentou os usurpadores, as tutelas externas “inevitáveis” e os afortunados que, em todos os tempos, lhe exigiram que se sacrificasse – pelo rei, pelo império, pela finança.

O povo português é hoje chamado a um combate que é também europeu. Nos últimos meses, também na Europa, milhões de pessoas mostraram que estão dispostas à acção e não aceitam as mentiras velhas de um capitalis-

mo que significa desemprego, precariedade dos jovens e desprezo pelos reformados.

Os povos da Europa podem erguer-se. Portugal pode erguer-se. Mudar de rumo significa recusar a dívida ilegítima, cobrar a dívida dos ricos que nunca pagaram, recuperar para as mãos públicas os instrumentos indispensáveis à condução da economia, investir na criação de emprego, na recuperação de salário e na salvação do essencial – habitação, saúde, educação.

O Bloco associa-se à manifestação de 11 de Fevereiro e empenha-se na luta contra a austeridade e pelo emprego. É agora que é preciso juntar forças para intensificar a mobilização social: cada dia conta, cada mês conta para juntar forças.

O Bloco de Esquerda é a esquerda socialista para a luta contra a tirania da dívida e contra a austeridade.

Só políticas socialistas responderão à crise.